

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO:
PASOLINI REVISITADO
27 e 29 de Abril de 2022

ORLANDO FERITO / 2013

Um filme de Vincent Dieutre

Realização: Vincent Dieutre / Argumento: Vincent Dieutre, com textos de Georges Didi-Huberman, Giorgio Agamben, Pier Paolo Pasolini / Direcção de Fotografia: Arnold Pasquier / Som: Benjamin Bober e Jean-Marc Schick / Montagem: Dominique Auvray.

Cópia: Digital, colorida, falada em francês e italiano, com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 121 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

A desesperança expressa por Pier Paolo Pasolini nos últimos anos de vida é algo com que não é fácil de lidar. “A palavra ‘esperança’ foi apagada do meu vocabulário”, dizia ele numa entrevista gravada em 1971 (mas apenas divulgada pela televisão italiana no dia a seguir à morte de Pasolini), respondendo depois ao entrevistador, que lhe pretendia arrancar alguma suavização de tão drástica afirmação insistindo no tema (“mas já não tem esperança?”), com um rotundo e sucinto “não”. Poeticamente, mas se calhar mais ainda politicamente (porque pode ser entendida como uma resignação, um reconhecimento de uma derrota tão radical que nem justifica nenhuma luta), esta desesperança é duríssima, e ficou atravessada nas gargantas de muita gente inspirada por Pasolini, artistas, intelectuais, políticos.

Um desses é Vincent Dieutre, cineasta francês nascido em 1960, que anda há perto de trinta anos a esculpir uma obra pessoalíssima (**Rome Désolée, Leçons de Ténèbres**), a que não faltam, embora em termos muito próprios, alguns traços caros ao próprio Pasolini – como o interesse numa espécie de arco temporal que revele no “mundo moderno” a presença e os traços, como um inconsciente colectivo, de fantasmas de uma cultura “antiga” e arcaica. Em **Orlando Ferito**, pegando num dos últimos textos de Pasolini (o célebre “artigo dos pirilampos”, onde o desaparecimento daquele insecto servia de metáfora não só para o desaparecimento de um mundo mas também para o apagamento de quaisquer luzinhas de esperança), Dieutre confronta-se directamente com a desesperança pasoliniana. Ou indirectamente, visto que o diálogo é mediado pelo texto (e pela presença, em vários planos) de Georges Didi-Huberman, num volume que tinha acabado de publicar em 2013, *Survivance des Lucioles*, e que é ele mesmo um confronto com as palavras e as ideias de Pasolini. Como Dieutre refere no filme – que tem uma estrutura de “diário filmado”, tanto na organização das imagens como na sua unificação através do *continuum* de uma reflexão no comentário em “off” – o livro de Didi-Huberman, se ao princípio era apenas a sua companhia para uma viagem à Sicília, da qual eventualmente resultaria um filme, depressa se tornou no principal motor da sua reflexão, e do filme que ela gerou. (Outro “leit-motiv” importante é uma representação tradicional, em espectáculo de marionetas, da lenda medieval que dá título ao filme, a história de Orlando, ou Rolando como em português o conhecemos, gesta que neste contexto se abre a uma vasta gama de possíveis paralelismos).

Não se trata de “negar” Pasolini, como é evidente, e há suficientes referencias ao apocalipse cultural italiano (através de um dos seus principais veículos: a televisão, e especialmente televisão de

Berlusconi) para se tornar claro que o diagnóstico ou a profecia de Pasolini não foram contrariados, pelo menos completamente. Assim como, em certos segmentos (em imagens de rua, em perfeito estilo de reportagem pessoal para diário filmado, ou em entrevistas encenadas de forma clássica), Dieutre fala de progressos objectivos – nomeadamente, na progressiva aceitação, mesmo em meios tão conservadores e retrogradamente machistas como são boas porções da Sicília, da *liberdade* LGBT – que marcam uma diferença positiva para o tempo em que Pasolini viveu. Mas trata-se, isso sim (e de algum modo esses segmentos já fazem parte desse processo), de ver o que Pasolini não viu, não pôde ou não quis ver – que “os pirilampos sobrevivem”, como diz o título do livro de Didi-Huberman. Ao cabo de incessantes viagens por várias cidades sicilianas, num trajecto que funde vários níveis de abordagem da realidade (incluindo um nível pessoal, mesmo íntimo, em corpo e em espírito), Dieutre talvez não encontre “pirilampos” propriamente ditos. Mas, metáfora por metáfora, as luzinhas que temperam o crepúsculo nos belos planos do final do filme substituem-nos. São como uma projecção da esperança do próprio Dieutre, e nesse sentido uma superação da desesperança pasoliniana. Um pouco de optimismo num mundo tão ferido como Rolando no campo de batalha, a conclusão perfeita para um filme que é capaz de justapor alguma esperança – alguma felicidade, mesmo – à crua lucidez com que observa um mundo em vias de devastação.

Luís Miguel Oliveira